

Museu Municipal de Castello Branco

I

Officio dirigido ao Ex.^{mo} Presidente da Camara Municipal de Castello Branco pelo Director do Museu Ethnologico Português

Só hoje, 19 de Abril, recebi o officio datado de 13, em que V. Ex.^a se digna convidar-me para assistir em 17 á inauguração do Museu Municipal de Castello Branco.

Embora não me fosse possivel este mês deixar Lisboa, lamento porém não ter podido, antes do dia da inauguração, testemunhar a V. Ex.^a os meus agradecimentos pela honra do convite.

Desculpe-me V. Ex.^a se tardiamente o faço.

Aproveito a occasião para felicitar V. Ex.^a pelo novo e importante melhoramento que me annuncia com a fundação do Museu Municipal, devido á iniciativa do Sr. Tavares Proença Junior, que assim augmenta os seus meritos de archeologo, já vantajosamente conhecido dentro e fóra de Portugal.

Um museu archeologico não é unicamente uma curiosidade ou um recreio; é como que um livro aberto, onde á simples inspecção se contempla no todo ou em parte a historia da região que elle representa. Em Portugal, por falta de instrucção, isto não é inteiramente comprehendido; a maior parte das pessoas confundem a Archeologia com o *bric-à-brac*, e não apreciam como devem o labor dos archeologos.

Por isso a Ex.^{ma} Camara de que V. Ex.^a é presidente, acolhendo com afan a ideia do Sr. Tavares Proença, e pondo-a em pratica da maneira que se vê, dá um raro testemunho de illustração, e ao mesmo tempo de dedicação civica.

Deus guarde V. Ex.^a—Lisboa, 19 de Abril de 1910.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara Municipal de Castello Branco.—O Director do Museu, *José Leite de Vasconcellos*.

II

Inauguração do Museu

No domingo passado abriu pela primeira vez ao publico, nesta cidade, o Museu Municipal de Archeologia.

Se á fundação d'este estabelecimento tivesse presidido qualquer ideia de popularidade politica ou de caça a uma exploração barata, a abertura ter-se-hia feito com espalhafato, como é vulgar succeder á inauguração de um simples *sol-e-dó* provinciano.

Tendo, porém, sido intenção do iniciador do Museu e da camara apenas dotar a cidade com um melhoramento que ao mesmo tempo servisse para chamar a attenção de nacionaes e estrangeiros para a capital da Beira Baixa e para salvar da destruição os vestigios de antigas civilizações que passaram por esta provincia, tudo se fez modestamente, sem dispendio de rhetorica, sem discursos nem trombetas.

O que importava era o facto em si.

Uma vez realizada a abertura do Museu, estava conseguido o que se desejava. O resto poderia servir para distracção de ociosos, mas não tirava nem punia á importancia e significação do facto.

Foi obedecendo a esta ordem de ideias que o illustre director-fundador do Museu insistentemente pediu que não se fizessem festas, que apenas se avisasse o publico, por meio de editaes, de que o estabelecimento lhe estava patente naquelle dia e o continuaria a estar um dia em cada semana.

Fez-lhe a camara a vontade e, em nosso entender, andou como devia.

Concorreu lá o publico. Muitas centenas de individuos de todas as classes sociaes lá foram ver e admirar os restos de civilizações extinctas, recolhidos á força de muito trabalho, muita paciencia e avultadas despesas por uma vontade de ferro servida por uma intelligencia robusta e por um coração cheio de amor pelas cousas da sua terra, a que quer como aquelles que mais podem querer-lhe.

Não conversámos com todos os que no domingo visitaram o Museu, e por isso não podemos dar conta das impressões de cada um.

É possivel que houvesse quem achasse mal empregado todo o trabalho e toda a intelligencia que se despendeu para reunir aquellas *cousas velhas*. É natural isso.

Os que, porém, tem olhos para ver e coração para sentir saíram com a impressão de que está ali a obra de um homem de valor, alguma cousa que ha de servir para que se fale lá fóra nesta cidade, cuja existencia mal suspeitavam até agora os sabios de outros paises.

Para os primeiros, espiritos superficiaes, um museu de archeologia não passa de um amontoado de objectos de *bric-à-brac*. São pedras e outras cousas toscas, que não servem para satisfazer a vaidade nem para encher o estomago.

Para os segundos, para os que tem intelligencia e coração, aquellas pedras, aquellas inscrições, aquelles restos de olaria, aquellas moedas antigas que não tem curso no mercado, todas aquellas *cousas velhas* são outras tantas paginas vivas da historia de civilizações mortas,

são um traço de união entre o passado e o presente, são como que marcos que assinalaram no decorrer dos seculos a marcha lenta, mas incessante, do espirito humano para a perfeição, para o progresso.

Tudo aquillo é ao mesmo tempo interessante e commovente.

Ha ali, marcadas a pontas de silex, gravadas em pedra ou moldadas em barro, historias completas de ambições e de amores, de sonhos de poderio e de tocante piedade filial, de grandeza e de humilhação, do trabalho que dignifica e da vaidade que mata. Basta sabê-las ler com a intelligencia do coração e com os olhos do respeito que se deve aos que trabalharam para nós, emquanto trabalhavam para se elevar acima do vulgar dos homens.

Assim, um museu de archeologia não é bem um cemiterio onde em cada tumulo se lê—*aqui jaz*: é antes uma historia escrita com letras indeleveis, onde em cada pagina se decifra—*Aqui viveu, lutou e amou*...

*

Claro está que o Museu Municipal de archeologia d'esta cidade não reúne por emquanto tudo o que póde e deve reunir um dia.

Trabalho de um homem apenas, e de um homem em idade que mais faz esperar o amor pelos divertimentos do que os sacrificios pela sciencia, não póde ser a ultima palavra em estabelecimentos d'esta natureza.

Não tem, nunca teve a pretensão de como tal o apresentar o seu illustre e benemerito fundador.

Estabelecimentos d'estes não brotam do solo espontaneos, perfectos, completos. Vão crescendo, vão-se desenvolvendo com o tempo, e nunca se chega a poder dizer que ali não ha mais nada a acrescentar.

Succede ainda que o director-fundador do Museu não é, ou pelo menos não tem sido, um colleccionador.

Archeologo distincto, com um nome já feito no pais e no estrangeiro, ama a sciencia pela sciencia, e por isso trabalhou sempre, não para juntar mais um objecto á sua collecção, mas para colher elementos para a comprovação das affirmações que fez ou das hypotheses que formulou nos livros que sobre a especialidade escreveu.

D'este modo, comprehende-se que haja repetições e omissões, superabundancia e deficiencias.

Apesar d'isso, porém, póde affirmar-se que poucos museus haverá que abrissem ao publico tão ricos de exemplares dignos da apreciação dos sabios e da admiração dos que nem de longe a tal classificação aspiram.

É um estabelecimento que, apesar de só agora começar, já faz honra á terra.

Louvores são devidos á camara municipal, que tão bem soube comprehender e apreciar a iniciativa patriotica do seu illustre fundador.

A maior honra, porém, a maior gloria e os maiores louvores são para o benemerito que prodigamente pôs á disposição do publico o fruto do seu trabalho e estudo.

*

O nome d'esse benemerito era desnecessario dizê-lo aqui. Não ha ninguem que o ignore.

Em todo o caso, escreve-se, para que fique registado.

Francisco Tavares de Proença Junior é o homem a quem se deve a existencia do Museu Municipal de Archeologia d'esta cidade.

Possuidor de uma collecção riquissima de exemplares archeologicos, recolhidos em explorações e pesquisas de annos em todo o districto de Castello Branco, pô-los á disposição da camara municipal para constituirem o nucleo do Museu.

Acceite com o merecido reconhecimento e louvor a offerta, não se quedou no antegozo do triumpho, antes continuou a trabalhar sem descanso, para tornar mais valiosa a offerta, quando chegasse o momento de se converter em realidade.

Faltava casa apropriada para a installação do Museu. Trabalhou e descobriu-a numa das dependencias do extincto convento de Santo Antonio.

Mas essa dependencia estava, como o resto do edificio, na posse do Ministerio da Guerra.

A camara pediu-a. Não foram em absoluto favoraveis, antes pelo contrario, as informações das autoridades militares. A pretensão estava ameaçada de naufragio.

Tavares de Proença, aproveitando habilmente a estada do Ministro da Guerra nesta cidade, levou-o lá, instou, apertou e conseguiu.

Poucos dias depois a casa pedida era cedida á camara para a installação do Museu.

Feitas as indispensaveis obras de adaptação, era necessario proceder á installação.

Tavares de Proença não pediu auxilio a ninguem. Elle só fez tudo e pagou do seu bolso todas as despesas de installação. Classificou, dispôs, arrumou.

Fez mais ainda. Confeccionou o regulamento, mandou imprimir os livros para os registos, organizou mappas, etc.

É alguma cousa? É; mas a coroa da obra está nisto:—Fazendo tanto, não reclama honras nem se julga com direito a titulos de gloria. Singular homem este!

*

Tavares de Proença Junior não é homem que ande a mostrar-se, para dar nas vistas. Pelo contrario, esconde-se. Apesar d'isso, o seu valor como archeologo de tal modo se impôs, que um dia, sendo preciso que alguém representasse Portugal no *Congresso internacional de Perigueux*, foi elle o escolhido.

Era o congressista mais novo; e comtudo fez-se notar pelos seus trabalhos no meio de tantas notabilidades de varias nações.

Eram pouco depois coroados os seus trabalhos com as palmas de *Official da Instrucção Publica*, da França.

Outras distincções mercedissimas tinha recebido já, e recebeu em seguida dentro do país.

Era alguma cousa para quem estava na flor da idade; mas temos a certeza de que mais do que tudo isso valeu para o seu coração a abertura do Museu Municipal de Archeologia, que é obra sua e que elle amará sempre, embora se dê alguma vez o caso, que Deus afaste, de por causa d'elle experimentar semsaborias.

As homenagens do nosso respeito e o nosso mais sincero applauso.

(Da *Gazeta da Beira*, de 24 de Abril de 1910).

A villa e concelho de Ferreira do Zezere

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xiv, 265)

IV

As Pias e o seu termo no seculo XVI

Dissemos num dos capitulos anteriores que não sabiamos onde localizar a sede da commenda das Pias. Parece-nos no entanto ser onde é o actual logar das Areias, comprehendido, segundo supponmos, na designação *Pias*, como se vê do tomo d'esta commenda feito em 1505, do qual consta que ella possuia *«huã assento que em outro tempo sohia ser cabeça desta comenda junto da egreja de Santa Maria das Arenas, ho qual estaa todo dânicado e posto per pee em pardieiros, etc.»*.